

# A taquicardia da diretora

Com uma área construída de 54 mil metros quadrados, o Hospital Souza Aguiar é a maior emergência da América Latina. São 2.500 profissionais e uma média de atendimentos mensais de 22 mil pessoas. Uma demanda 70% superior ao número de pacientes que cabe ao hospital atender. Recente levantamento concluiu que 40% destes atendimentos são remoções da Baixada Fluminense e 30% de outros bairros da cidade. O custo mensal da unidade chega a R\$ 1,4 milhão só com material hospitalar e manutenção dos equipamentos de exames mais sofisticados.

Administrar todo este aparato já rendeu a Maria Emília Amaral, diretora do Souza Aguiar, uma arritmia cardíaca que a obriga a tomar uma dose diária de um medicamento betabloqueador. Os casos de hipertensão já se tornaram freqüentes entre os funcionários e registram uma média mensal de 78 licenças médicas na enfermagem.

“Quem passa um ano traba-

lhando nesta emergência sai preparado para enfrentar qualquer situação de guerra”, garante Maria Emília. Há seis meses administrando o hospital, ela trabalha com estatísticas para organizar o atendimento. Com os números sobre a mesa do gabinete — que revelam uma média acima de 700 pacientes diariamente — ela sabe que precisa controlar racionalmente a superlotação e dar prioridade aos doentes em estado mais grave.

“Por falta de ortopedistas, por exemplo, só estamos aceitando pacientes com fratura exposta que necessitem de cirurgia”, receita. Existe uma carência de 50% no quadro de ortopedistas da unidade, mas a dificuldade é superada com uma medida adotada por Maria Emília para garantir que as equipes de plantão estejam sempre completas: o ponto duplo. “Para evitar que os médicos assinem o ponto na administração e desapareçam, eles agora têm que assinar outra freqüência, que fica com o chefe da equipe”, diz ela.